O conteúdo do discurso

O conteúdo é principal!

Para falar precisa-se de duas coisas: **cérebro e língua**

principal: o **cérebro**

não é . vencer a timidez
. ter boa dicção
. não ter medo

Só isso não basta!

Se não ... **abobrinhas!**

...generalidades / sermão inútil

É preciso SABER O QUE . SE QUER DIZER
. TRANSMITIR
. ANUNCIAR

ter clareza da proposta

Para isso
- Conversar muito
- Participar de debates / palestras / seminários
- Ouvir / pensar / refletir
- Ver filmes inteligentes
- Ler tudo
  - > jornal 15/20 minutos dia
  - > jornais da esquerda: todos
  - > publicações sindicais
  - > revistas inteligentes - e até a Veja!
  - > livros ... sempre... | Quantos no último ano? Qual HOJE?

Essa é a PREPARAÇÃO REMOTA

Preparação imediata

é necessária! Sem ela ... discurso confuso

Organizar a cabeça / as idéias

seqüência lógica

COMEÇO + **MEIO** + **FIM**

e amarrar as várias partes

Definir claramente

- **Qual o objetivo** desta fala
- **O que quero** com este discurso

Definir claramente qual o objetivo

o resto é secundário

Para isso é preciso ...

preparar o discurso...

- pensar
- anotar ...

Começo - Meio - Fim

Todo discurso precisa ter: começo - meio - fim

COMEÇO

> cumprimentar: DIA / TARDE / NOITE

➢Falar logo de cara

QUAL A NOVIDADE?

primeiro o FATO NOVO

não começar pelo comentário

- "Mais uma vez o governo mostra que..."
- "Mais uma vez a mídia mostra seu lado"

primeiro...

Começar anunciando o novo

fazer dizer UAU! Caramba!

➢O que aconteceu?

➢Quem fez o que?

depois: **comentar**

no final... **chamar para a ação**

Não começar pelo fim

"Sexta-feira, às 18 horas teremos assembléia"

e daí? o que eu tenho com isso?

MEIO

é o corpo central do discurso

a) Quer defender tua idéia, tua proposta ?

b) Quer analisar a conjuntura ?

c) Quer apresentar uma idéia nova ?

d) Quer fazer a ligação política
de um fato com suas causas...
suas consequências ?

É aqui que vamos convencer

aqui vai poder despertar

amor ou **ódio** a

idéias
propostas
produtos
pessoas

aqui...

podemos falar de tudo.

falar de política...economia...história!

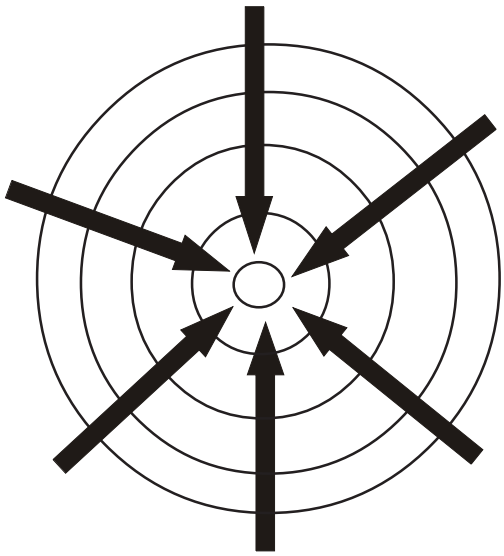
mas...

acertar o alvo

não falar de 10 assuntos

... não atirar em tudo

é inútil!



poucas idéias em cada fala

falar de tudo = NADA

FIM

e daí ... O QUE FAZER?

QUAL A PROPOSTA?

✓Depois de chocar ... indignar ... estimular
✓Depois de explicar e convencer

chamar para a ação

Não esquecer ➢ quando, hora,
➢ aonde

atenção

Repetir a proposta pra gravar bem

no fim do discurso

fazer síntese da > proposta
> argumentação
> ação

No fim do discurso... dar idéia que vai acabar

Tom: alto / firme / incentivo
baixo / grave / reflexivo

> puxar para cima ... ➢ vamos!
➢ assim poderemos ...

> animar / incentivar

Escolha: Levantar a voz
ou
abaixar ... desacelerar

é necessária uma ...

pesquisa permanente

TUDO: ◆ **SITUAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA**

> **CONDIÇÕES CONCRETAS DE VIDA**

> **SEU MUNDO CULTURAL**

- **se lê jornal ou não / qual?**
- **TV - o que assiste**
- **rádio se ... e o que ouve?**

> **ESCOLARIDADE**

◆ **SUAS NECESSIDADES E EXPECTATIVAS**

◆ **SUA IDEOLOGIA**

◆ **PARTICIPAÇÃO SOCIAL**

- **sindicato**
- **movimento**
- **associações**
- **partidos**
- **religião**

durante o discurso

> perceber as reações

- **concordância X discordância**
- **atenção**
- **aborrecimento**

> ver se acompanha ou não

Não é obrigatório ...

mas...

para muitos é útil

COMO? Escrever só algumas palavras...

Só o roteiro
... letras grandes

<u>atenção</u>: NÃO DECORAR

mas... | esquematizar
| organizar a fala

Exemplo: Queremos nossa PLR

Começo

EMPRESA —— ESMOLA
NÓS NÃO
TEVE LUCROS SIM
5 MILHÕES

Meio

NÓS PRODUZIMOS
SUOR
CANSAÇO
5 MORTOS
QUEREMOS O NOSSO

Fim

COMO?
PREPARAR
GREVE 2500 OU GREVE
CONVERSAR TODOS
6º NOVA ASSEM... 18h - Sind.

Convicção

> Ter a convicção de que estamos falando A VERDADE

o olhar traduz isso

> Falar com o coração e ao coração.

As pessoas sentem a mentira!

Ter a certeza na frente a história na mão

Não somos vendedores de banha de peixe boi
Não se trata de vender
uma caixa de palito de fósforo queimado

As pessoas só confiam se sentirem a verdade

Medo? Não! Antes orgulho

medo?

vergonha?

DO QUE?

Você está fazendo um serviço para a classe

está disposto a falar em público

. se expondo

. se arriscando à vaia.

Qualquer coisa que você faça já é muito!

- **Quantos falam numa assembléia?**
- **Quantos falam num carro de som?**

É preciso ter 20, 30, 50 mil que falem em público

Para mudar o mundo é preciso de milhões que falem em público

Ainda estás com medo?

É NORMAL!

muitos e muitos têm

como VENCER?

vencendo-o / enfrentando-o

Lembras para aprender a dirigir?
a nadar?

a primeira baliza ...

e hoje?

Se precisar 20 vezes para se sentir seguro
e cada vez ... é MENOS UMA!
20, 19, 18, 17, 16, 15 ..... 3, 2, 1

a vitória é sua

Uso da voz

Sem voz não tem oratória
é uma das DUAS PERNAS do orador
a primeira já vimos: conhecimento

Quatro dicas básicas sobre a voz

1 Não correr

- ninguém entende
- tira a atenção
- desvaloriza a fala

precisa

- dar peso às tuas palavras
- dar tempo para as palavras entrarem no ouvinte

2 Fazer pausas

é o momento da reflexão
pausa dá peso à tua palavra
destaca
- acentua
- enfatiza

atenção
não exagerar nas pausas

Pausas curtas ... e só após formular uma frase muito importante

3 Não ser monótono

- O mesmo tom dá sono
  - faz o ouvinte se distrair
    - tira o tesão do discurso

Grandes oradores variam o tom e o volume

Oscile igual às ondas do mar

Sem oscilação... é sono!

Quantos dormem com a TV ligada!

Atenção:

- Não variar a voz sem sentido
  - A variação tem de acompanhar a mensagem
    - grave / séria
    - de raiva / decisão
    - amigável / familiar
    - firmeza / força / segurança

4 Não berrar

Tom muito alto... irrita

- **é autoritário / impositivo**
  - não dialoga / não convence

- **afasta do ouvinte**

- **dá idéia de já visto / já ouvido**

  "Sempre igual" "Sempre o mesmo"

- **transmite um ar de prepotência**

  quer convencer no grito

mas ... tom muito baixo

também atrapalha

- **dificulta a audição**

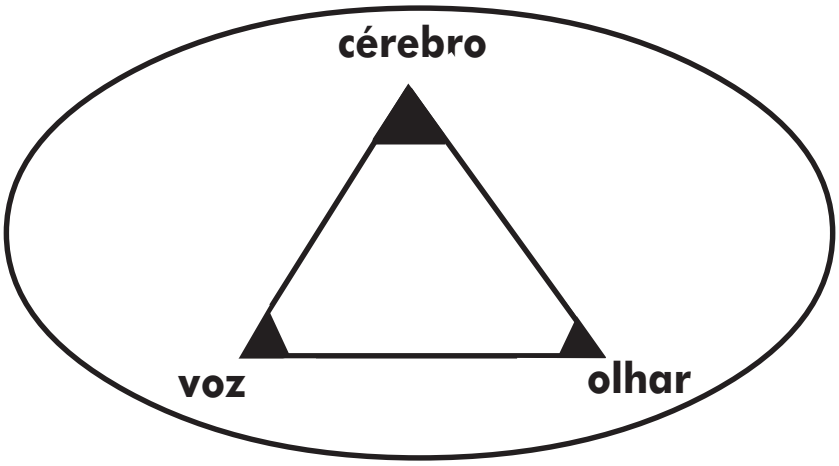
- **mostra insegurança**

  não estimula o intercâmbio

- **ou mostra desinteresse pelo público**

O olhar

É o terceiro elemento da oratória



O olhar estabelece uma relação pessoal entre as pessoas

O olhar... apaixona
assusta
fuzila

Lembrar a música de Adoniran Barbosa

Tiro ao álvaro

"De tanto levar *frechada* do seu olhar
meu peito até parece sabe o que?
Tauba de tiro ao *álvaro*
Não tem mais onde furar.

Teu olhar mata mais
Do que **bala de carabina**
Que **veneno**, ou stricnina,
Que **peixeira de baiano.**

Teu olhar mata mais
Que **atropelamento de *otomóvel*,**
Mata mais que **bala de *revolve*".**

O olhar... mostra sinceridade
dá confiança
dá força

Lembrar Chico Buarque:

Olhos nos olhos

Quando você me deixou meu bem
Me disse prá ser feliz e passar bem.
Quis morrer de ciúme, quase enlouqueci
Mas depois como era de costume obedeci.

Quando você me quiser rever
Já vai me encontrar refeito, podes crer.
Olhos nos olhos quer ver o que você faz
Ao saber que sem você eu passo bem demais.

E que venho até remoçando
E me pego cantando, sem mais nem porque.
E que tantas águas rolaram,
Tantos homens me amaram,
Bem mais e melhor que você.

Quando talvez precisar de mim
Cê sabe que a casa é sempre sua, venha sim.
Olhos nos olhos quero ver o quê diz
Quero ver como suporta me ver tão feliz.

olhos nos olhos

Não olhar os urubus
Ou as baratas

Nosso olhar tem que ser
um radar... que vê todo mundo
Atenção

olhar para cada um
ou cada bloco da platéia

quem não é visto
não se sente importante

atenção

O corpo fala

...diálogo do corpo

na oratória

o olhar manda...
e o corpo acompanha

Olhar com os olhos
e...
com o dedão do pé

O virar do corpo com o olhar
dá movimento ao discurso

✓dinamiza

✓torna vivo

O peso dos vários elementos da oratória

Podemos visualizar assim o peso de cada componente de um discurso

por isso...

1- ler / estudar / ouvir sempre
2- oscilar a voz sempre
3- olhar sempre

O gesto

não se preocupar

seja natural ... "SEUS" GESTOS!

O gesto ...

aos poucos acompanha → **conteúdo**

→ **voz**

→ **olhar**

O conteúdo, o tom
determina os gestos

cada um tem seus gestos
...japonês e italiano no mar

mas atenção... o gesto tem que acompanhar as palavras

- **todo gesto tem que significar algo**
- **não repetir o mesmo gesto vazio**

dedo em riste é uma coisa
mão espalmada amigável é outra

<u>atenção</u> cada um tem seu estilo

mas... **que gesto ajuda... ajuda!**

há vários tipos de gestos

- **Força - gravidade**
- **Alegria - dor**
- **Ódio - terror**
- **Afeto - amizade**
- **Coragem - ação**

A postura

Ficar de pé ... seguro

- não se encostar em nada (desleixo)
- não se escorar na mesa

Mostrar firmeza / segurança

sem

arrogância / prepotência

Cuidados

- não ficar duro demais...posição de sentido
- não ficar de perna aberta
- não balançar o pé pra' lá e pra' cá
- não dançar enquanto fala
- não andar pra' lá e pra' cá
- mãos no bolso NUNCA = ARROGÂNCIA
- braços cruzados NÃO = PREPOTÊNCIA

O que dá movimento

não é andar pra' cá e pra' lá **mas**

- **variação de voz**
- **olhar... com o corpo**
- **gesto**

atenção

- não coçar...nada!
- não encolher as costas... ah! que pesado falar!
- no caminhão de som não se deitar no parapeito (demagogia barata)
- não segurar lápis, caneta, fio do microfone

O microfone

NÃO MORDE!

o pavor do microfone é UNIVERSAL
... se console

➢ **distância:** ▫ **perto do queixo**
▫ **abaixo dos lábios**

deixar ver a boca

de cara limpa!

➢ **Como segurar:** - como um cone de sorvete
- não mexer ⟶ manter distância
- não oscilar ⟶ não é benzedor/nem para bater

➢ **e o pedestal?** **Sempre tire o microfone**
te imobiliza
te prende

lembrar

- Mais de 95% da humanidade **NUNCA FALOU COM MICROFONE**

O microfone: é uma das armas para a disputa de hegemonia

Vícios da linguagem

Há dois tipos de vícios

1- Comuns

Todo orador está sujeito a cometê-los

- né
- tá
- éééééé
- viu

Evite...distraem

- por exemplo .....Só quando for dar um exemplo
- entendeu.....Nunca! chama o ouvinte de idiota
- tá certo.....Nunca! autoritarismo
- é isso aí.....Nunca! Quem disse que é isso aí?
- muito bem.....Nunca - bobagem!
- é o seguinte.....Inútil
- correto.....Inútil
- veja bem.....Inútil
- olha.....Inútil
- tá bom - tá OK.....Inútil

não são mortais ... mas atrapalham!

e ... a língua portuguesa?

Cada um fala como sabe?

mas é bom...

se esforçar sempre para falar corretamente

2- Linguagens específicas

São verdadeiros idiomas próprios

...são muralhas!

há muitas muralhas:

é preciso declarar guerra

às Sete Pragas do Apocalipse

intelectualês
juridiquês
economês
psicologuês
politiquês
esquerdês
sindicalês

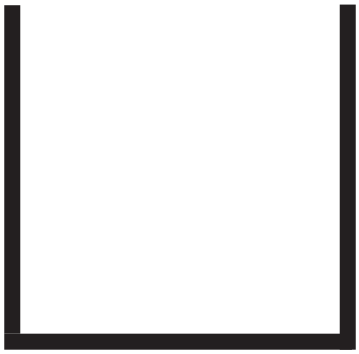
Há outras pragas...muitas
Ex: mediquês
gabinetês
opesês (do Orçamento Participativo)
ongesês

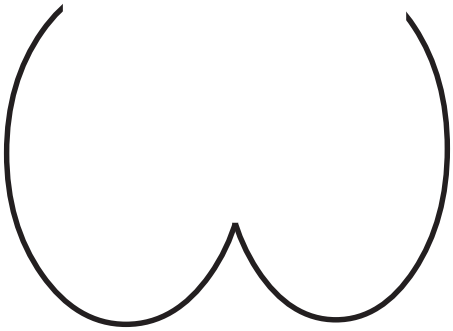
Para se comunicar é necessário...

voltar a falar a linguagem dos mortais

ao falar tenho que saber
para quem estou falando

bunda quadrada ou **bunda normal**





Esses participam de

congressos
plenárias
encontros
cursos
seminários
reuniões de diretoria
reuniões do partido
reuniões da tendência
etc, etc, etc

Esses NÃO participam de

nada disso

Esses falam duas línguas

linguagem comum
e
a linguagem especializada

Esses falam uma língua

Só a língua comum

Seleção de palavras e expressões em intelectualês /politiquês / sindicalês

(Do livro Manual de Linguagem Sindical, Claudia Santiago, S. Domingues e Vito Giannotti,- Ed. NPC)

Galopante - (I)	Inflação *galopante*	Inflação *crescendo muito rapidamente*
Gancho - (S)	Pegando o *gancho* da proposta da Central	*Aproveitando o que a Central já propôs*
Generalidades - (I)	Só falou *generalidades*	Só falou *coisas gerais / - sem definições*
Genérico - (I)	Posicionamento *genérico*	Posicionamento *sem definições claras / afirmações gerais / - afirmações vazias*
Gênero - (I)	Vamos atacar a questão de *gênero*	Vamos dar peso a *questão da luta das mulheres* / vamos nos preocupar *com a situação e a luta da mulher*
Gênese - (I)	O que está na *gênese* desse comportamento é uma visão geral	O que está na *base* desse comportamento é uma visão geral / - *na origem - /*
Globalização - (P)	A *globalização* é a face econômica do neoliberalismo	*O fim das fronteiras nacionais* é o lado econômico do neoliberalismo 1- O *governo já não consegue governar* 2- *Ninguém leva a sério o governo*
Governabilidade - (P)	Trata-se de uma crise de *governabilidade*	A Globo está *sempre ao lado do governo*
Governista - (P)	A Globo é sempre *governista*	*só usar em textos específicos em que o pensamento do autor seja apresentado em termos didáticos*
Gramsciana - (I)	A visão *gramsciana* do mundo	
Grevismo - (S)	Não vamos voltar ao *grevismo* inconsequente	Não vamos voltar *àquela mania de fazer greve sem pensar / - greves que não se justificam*
Grilhões - (I)	Romper os *grilhões*	Romper as *correntes* / - as *amarras*
Gritante - (J)	Um desrespeito *gritante*	Um desrespeito *escancarado / total*

Legenda: **I**- Intelectualês **P**- Politiquês **S**- Sindicalês **J**-Juridiquês

Palavras e expressões usadas por agentes do Orçamento Participativo

Araraquara 07/2002

do livro Muralhas da Linguagem. de Vito Giannotti- Ed. Mauad

Descubra o "idioma" das palavras assinaladas:

I-Intelectualês
P-Politiquês
E- Economês
S-Sindicalês
J-Juridiquês
?- O que mais?

---

a posteriori
a priori
abolir
ad referendum
agilizar
alavancar
aliados
anais: nos anais
anexo
apreciação
assessorar
assessorar o processo
autogestão
auto-organização
banalização
bancada
bancada do partido
bater agenda
bônus
burocratizar
cadastrar
capcioso
capilar
caput
carga tributária
cargo comissionado
chegar
cidadania
cofres públicos
coletivo
combate
comissão
comissão de ética
comissão de redação
compulsório
concepção
conclamar
conduzir o processo
conferência
conjectura
conselho/gestor
conselheiros
contexto geopolítico
contexto ideológico
contra-corrente
corpo-a corpo
correlação de forças
decreto
deferido/indeferido
deferir
déficit
delegação
delegados
delegar
deliberar
deliberativo
demarcar
democracia direta
democracia participativa
denegrir
desmando
despesas
dignatária
digníssimo
direcionar
diretrizes
dissimulado
elencar
emenda
emissão de títulos
encampar
equivocado
esquematizar
estabilização
estatizar
estratégica
exercício da cidadania
explanação
extraviado
facultativo
fazer outra leitura
flexibilizar
foco da discussão
fomentar
formatar
fórum
gerir políticas
gestar
hierarquia
honorário
ileso
implicação
implícito
indeferir
informes
inserção
inserido
intrínseco
inversão de prioridades
jurídicopolítico
laudo
LDO = Lei de diretrizes orçamentárias
legal
lei complementar
lei de responsabilidade fiscal
lei orgânica
lei orgânica do município
leitura da conjuntura
LOA = Lei orgânica anual
mandato
mandato popular
manipular a máquina
máquina administrativa

monopolizar
municipalização
munícipes
nobre edil
o foco da discussão
o tecido social
ofício
ônus
operar
ordem do dia
paço municipal
padronizar
parecer
parecer de inconstitucionalidade
parecer político
parlamentar
participação
pauperização
pavimentação asfáltica
peça orçamentária
pendência
pertinente
planejamento estratégico
plano diretor
plebe
plebiscito
plenária
pluralismo
poder executivo
poder legislativo
poder municipal
polarização
política fiscal
políticas públicas
ponderar
préstimos
previdência privada
previdência pública universal
previsão orçamentária
primar
prioridades
problemática
probo
procedência
processo administrativo
processo licitatário
processo orçamentário
processo pendente
procuração
proferir a ordem
projeção
projeto de lei
promulgado
promulgar
prorrogação
protestos de elevada estima
providências concretas
quórum mínimo
receitas
recursos híbridos
reger
regimento interno
release para a imprensa
repasse do governo
repúdio
requerer
requerimento
requisição
sancionar
sectarismo
seminário
sessão extraordinária
sessão ordinária
sindicância
socioeconômico
subentendido
sub-região
subsídio
superávit
tecido social
temática
teto da reunião
tirada de delegados
trâmite
tribuna livre
valor venal
vigente

Dicas finais

① **Palavrão** ... de qualquer tamanho...

no microfone **NUNCA** !
de nenhum tipo●

ninguém aceita: **AFASTA**
tira todo o peso do seu discurso

② **Xingo - ofensa**

não convence ninguém

Mostrar — dados
— fatos

que levem o ouvinte a se indignar

③ **Sorria!**

✓cara feia é só feia... não comove

✓converse, dialogue...

mostrar tranquilidade, segurança

④ Eu estou aqui hoje

NÃO INICIE O DISCURSO COM

**"Mais uma vez o sindicato está aqui
na porta desta empresa ..."**

**óbvio! Claro que é o sindicato
se é mais uma vez
os trabalhadores já sabem**

"estou aui hoje para"...

**óbvio!
claro que está aqui e não lá!**

⑤ A questão do aumento

A palavra questão só confunde. É inútil

"vamos falar da questão da violência"

por que não

"vamos falar da violência"

É inútil e confunde

⑥ Companheiro ... é como o sal

**corte 90% dos teus
"companheiros"**

**Se não...
barateia demais essa palavra muito séria**

A função das bandeiras

✓falou TIME DE FUTEBOL ... falou bandeiras
✓falou EXÉRCITO ... falou bandeiras
✓falou SEM TERRA ... falou bandeiras

Não há time / exército
sem bandeiras

- das filhas de Maria
- a um time de várzea
- até um colégio tem sua bandeira

✓As 12 mil bandeiras da Coca Cola
✓A bandeira americana na lua
✓Epidemia de bandeira pós Torres Gêmeas
✓Os milhões de bandeiras de Chavez

Os bichos se embandeiram...

- pavão
- peru
- peixes

Bandeiras são força, vida

Século XX... século das bandeiras vermelhas

O vermelho das lutas operárias

... Chicago 1º de maio 1886
... Bolívia, Chile, Indonésia, África do Sul, Espanha, Itália
... Santo Dias: São Paulo 1979
... Volta Redonda 9 de novembro 1988
... Corumbiara... 10 Sem Terra - 1905
... Eldorado dos Carajás 1996

O vermelho das revoluções socialistas

Revolução Russa 1917
Revolução Chinesa 1949
Todas as revoluções do Século XX...
Vietnan / Cuba / etc.

O vermelho dos Partidos de esquerda

Todos ... PCB / PCdoB / PT / PSTU / PSOL
e os menores

O vermelho das Centrais Sindicais e dos Movimentos

MST / MLST / CUT / Conlutas / Intersindical / CMP

Relembrando a história

origem do vermelho das bandeiras operárias
na revolução, em Paris, 1848

"Após o esmagamento da revolução de 48 em Paris, somente depois que a bandeira tricolor foi empapada com o sangue dos revolucionários de junho, a bandeira vermelha passou a ser a bandeira da revolução européia"

(K.Marx)

Anexo

A barragem de Itaipu: escolaridade e intelectualês

(do Muralhas da Linguagem de Vito Giannotti – Ed. Mauad)

(...)A pouca escolaridade é a grande muralha. A grande barreira. A grande barragem para nossos *homens-dourados* e nossas *mulheres-pintadas*. Esta é a Itaipu da comunicação. Ao se escutar um discurso, faz-se esforço para entender. Mesmo, às vezes, com certa dificuldade. Igual aos pintados e aos dourados. Mas se a linguagem, ao invés de facilitar, complica, aí fica impossível qualquer comunicação. Se a linguagem for uma muralha, uma Itaipu, o nosso peixe não vai conseguir chegar lá em cima. Não vai fazer nascer milhares de outros peixinhos. A procriação dos peixinhos não acontece e a comunicação com milhões de pessoas também não. Podemos imaginar a comunicação como um grande rio de milhares de quilômetros. O ideal seria que os peixes, com vontade e muito esforço, conseguissem subir rio acima para fazer suas cerimônias de procriação. Ideal seria que todo peixe pudesse chegar lá. Mas isto não acontece. As barreiras não o permitem.

No rio da comunicação, também, há muitas muralhas. O peixe-humano tem que enfrentar várias barragens, vários obstáculos para chegar à compreensão de um texto ou de uma fala.

Há várias barragens que dificultam a compreensão de um discurso, ou de um texto. A maior delas, aquela de Itaipu, é a da escolaridade insuficiente, deficiente ou falha. A pobreza, o abandono, o descaso, o desinteresse pela educação que é dada para os filhos da Senzala é suficiente para impedir uns 80% da população de compreender o significado das palavras *compreensível, intransponível* ou *insuperável*. Ou a famosa palavra *otimista*.

É contra essa barreira que se esborracham nossos homens-peixe, igual aos dourados, ou nossas mulheres-peixe, igual aos pintados. Estes homens e mulheres-peixe saberiam subir rio acima, seguindo seu instinto. Mas uma muralha os impede de continuar.

Assim, nossos ouvintes ou leitores saberiam ler e entender um discurso ou um texto. Se... esse fosse claro e direto. Se... fosse falado, ou escrito, com palavras comuns, que todos conhecessem. E se as frases fossem claras, nítidas. Haveria alguma dificuldade, como as têm os dourados, ao subir corredeiras e quedas d'água. Mas daria. Porém, o que acontece é que a linguagem escrita ou falada pode se tornar um empecilho total à sua compreensão. Em vez de uma porta que se abre, passa a ser uma muralha que se coloca no meio para fechar o caminho. Para os 5% que não têm problema em compreender qualquer raciocínio, este problema não existe. Acham normal que todo mundo saiba ler um jornal, uma revista ou um livro. Acham normal que todo mundo saiba consultar um dicionário, para eventualmente, ver o que significa *inveterado*, ou *inexpugnável*.

Pois não é normal. Há uma muralha entre um dicionário e a compreensão dos 80%. Uma grande muralha. Itaipu está aí na frente. E os peixes não mais sobem para desovar lá em cima.

A segunda grande muralha: o intelectualês

O intelectualês é exatamente o oposto, o contrário da exclusão por baixa escolaridade. É a inclusão somente de quem possui uma alta escolaridade. Obviamente, desta inclusão reduzidíssima decorrem a exclusão dos outros. A exclusão dos que não possuem esta mesma qualificação. A primeira, a exclusão por baixa escolaridade é passiva. A pessoa é excluída por não conhecer o sentido das palavras. Ela é deixada à margem. No intelectualês, a exclusão é ativa. Quem o usa, a menos que esteja falando entre seus pares, exclui milhões de outros que não pertencem ao seleto grupo de quem sabe, de quem fala, ou de quem lê uma linguagem de poucos.

Uma linguagem típica de quem estudou por longos anos, que nós chamamos, por simplificação, de intelectualês, é uma barreira que exclui e humilha quem não é daquela família. Quem não é da mesma turma. Quem não é do ramo. É a linguagem de quem estudou seus 12, 15, vinte ou mais.

O problema não é alguém estudar 15, ou vinte anos. Isto é ótimo. O ideal é que uma sociedade ofereça possibilidades para todos os seus membros poderem escolher seu futuro. Poderem ter condições de escolher o que e durante quanto tempo cada um vai estudar. Se essas condições se realizassem, não haveria problema lingüístico nenhum com o que nós apelidamos de intelectualês: uma feita de termos bem elaborados, apropriados, ricos de significado.

Seria ideal que todos os brasileiros e todas as brasileiras pudessem fazer sua faculdade preferida. Não simplesmente estudar o que gostassem, mas, sobretudo, depois achar um emprego decente. Um emprego do qual gostem e que permita de viver. Inútil dizer, aqui, que isto é sonho. A realidade é aquela que é, mais do que conhecida. A realidade está estampada em todos os jornais. É só abrir.

Em dezembro de 2003, dados do PNAD, publicados pelo IBGE, nos diziam que no Brasil há exatamente 6.536.482 pessoas com 15, ou mais, anos de estudos formais. Ou seja, com diploma de terceiro grau.

Nos mesmos dias, em 3/12, a *Folha de São Paulo* anuncia que, no Brasil, 5,8 milhões de pessoas têm curso superior. A diferença de cifras de uma estatística para outra não faz diferença. Nos dois casos, trata-se de menos de 5% da população. Ou seja, menos de 5% da população têm capacidade de entender uma linguagem mais elaborada, no caso, a que nós chamamos impropriamente de intelectualês. Poderíamos dizer, terceirograusês. Palavra horrível!

A linguagem de quem tem uma alta escolaridade, na maioria dos casos, se transforma numa barreira altíssima, impossível de ser superada por quem não tem escolaridade nenhuma, ou mal terminou seus oito anos básicos. Na escala das grandes muralhas, podemos dizer que esta é a segunda em tamanho. Em nocividade. É um gás que asfixia a compreensão das pessoas e impede qualquer acompanhamento de texto ou de discurso por quem não está no mesmo nível de escolaridade. Ou seja, exclui uns 95% das pessoas. Nada menos!

A primeira barreira, já vimos, é a da baixa escolaridade que bloqueia mais de

80% da nossa população. A segunda é esta: a linguagem dos que têm uma alta escolaridade. Esta, simplesmente bloqueia a compreensão de uma mensagem, para mais uns 15%. Ficam incluídos os tais 5% que possuem o diploma de terceiro grau.

Vamos olhar mais de perto a muralha da linguagem própria de quem terminou uma faculdade: o que passaremos a chamar de intelectualês. Ouvir um intelectual falar é como um som de uma flauta para alguns ouvidos. Termos precisos, conceitos exatos, idéias riquíssimas. Isto para ouvidos acostumados a tudo isso. Isso não só é legítimo, como muito útil e muitas vezes necessário. Mas..., não dá para esquecer aquele número fornecido pelo IBGE, em dezembro de 2003: 6.536.482, são os que estudaram por 15 anos, ou mais. E, numa população estimada em 175 milhões, o número correspondente a este, que não pode ser esquecido é 163.463.518. Estes muitos milhões... imploram, suplicam para traduzir palavras como *indecifrável, práxis, ou exeqüível*.

Para quem não teve a oportunidade de se sentar, por anos, nos bancos da escola, uma linguagem complicada pode ser uma tortura. Exigirá um esforço infernal para tentar entender. Uma corrida atrás do sentido de muitas palavras. Mas este esforço, na maioria das vezes, resulta em um escorregar sem parar, a cada palavra não compreendida, que impede de acompanhar o raciocínio. Quem entende e quem não entende um intelectual? Entende quem é intelectual. Boiará quem não o é.

Há algum crime nisso tudo? Nenhum, se o objetivo de uma pessoa intelectualizada for falar com seus pares. Não há o mínimo problema em falar uma linguagem complicada, ou especializada, com quem possui, como se fosse um carimbo na testa, o selo da garantia de que irá entender. Um filósofo falar de filosofia para filósofos é uma beleza. Todo mundo entende. Todos se entendem entre si. Já, falar de Kant, Hegel, Descartes, ou Platão para engenheiros, complica bastante. E como conseguir falar da *filosofia da práxis* de Marx para as mães de um Posto de Saúde de São João de Meriti, no Rio, ou do bairro do João Paulo, em São Luiz? Como explicar os meandros da dialética para uns diretores de um sindicato de trabalhadores têxteis, lá no interior de Minas?

Mas não é só um filósofo que se veria em apuros. Sociólogos, arquitetos, pedagogos, psicólogos, administradores de empresas, matemáticos ou físicos, todos teriam uma grande probabilidade de ficar falando sozinhos, se forem falar sobre qualquer assunto numa cidadezinha do interior.

Ou, às vezes, alguns se virariam bem. Sim, porque há quem se convenceu de que uma coisa é falar para seus pares, do ponto de vista escolar, e outra é falar para quem tem dez ou 15 anos de escola a menos.

Uma coisa é falar para aqueles poucos milhões de brasileiros que têm acima de 15 anos de banco de escola e outra, totalmente diferente, é falar ou, pior ainda, escrever para quem tem quatro ou cinco anos de escola, somente. Ou às vezes menos.

Não é nenhum crime falar numa linguagem própria de especialistas. Uma linguagem de quem possui seu diploma universitário, ou já terminou seu mestrado, ou seu doutorado. É só saber onde se pode e onde não se pode falar.

Se uma pessoa com muitos anos de bancos de escola não precisa, naquele momento, se comunicar com um público de

escolaridade menor do que a dela, o problema não existe. Cada um fala ou escreve do jeito que quiser. Mas se o intelectual precisa, quer, necessita se comunicar com "a massa", o povo, o "Zé povinho", então o problema existe. Existe porque há um fosso educacional tremendo entre os dois pólos. Como se diz, em linguagem de escola de comunicação, entre o emissor e o receptor.

A linguagem de qualquer pessoa que estudou anos e anos, se modifica, se diversifica, se enriquece a cada dia. Rapidamente o filho que saiu do interior para estudar na capital, tem dificuldade de se fazer entender por sua mãe, sua tia, sem falar da avó. E os amigos de infância que ficaram lá no interiorzão de Minas Gerais?

Muitos intelectuais de esquerda têm dificuldade de admitir este fato. Como se admitir este fato fosse uma traição a não se sabe o quê. Fosse quase uma ofensa. Mas a realidade é simples. Quem estudou e tem uma vida intelectual mais dinâmica acaba aprendendo uma nova língua. Ótima coisa! É só admitir e saber administrar. Quem fala inglês, português, alemão e italiano está de parabéns. Só não pode trocar as bolas, misturar os canais. Falar em inglês com quem não sabe inglês, ou em português com um italiano, ou com um alemão que não conheça a língua de Camões, será certamente um caos. Seria como oferecer um copo de vitamina feito com um pedaço de pizza, uma feijoada, um salsichão branco e um hambúrguer. O todo bem batido. É só beber e... vomitar!

O mesmo acontece com uma fala que mistura a linguagem dos mortais, daqui da terra, com dezenas de termos de outros planetas. Palavras em economês, juridiquês, psicologuês, informatiquês e mais dez "ês". Este tipo de linguagem é uma muralha que impede qualquer comunicação.

A linguagem intelectualizada é incompreensível para a *imensimíssima* maioria dos mortais que não são nem doutores, nem mestres, nem bacharéis. Aliás, que só sabem que doutor é doutor, aquele que diz se vai precisar tomar uma aspirina, ou um antibiótico.

Mas além dos doutores-médicos, existem outros doutores. Os primeiros falam mediquês, linguagem de médicos, enfermeiros e estudantes de medicina. Os segundos falam... doutorês: a linguagem dos doutores. Os doutores não dos hospitais, mas da academia: engenheiros, historiadores, geógrafos, matemáticos, psicólogos, antropólogos, sociólogos, politicólogos e muito outros *ólogos.(...)*

Anexo

O sindicalês

Do livro *Comunicação Sindical: a arte de falar para milhões*
De Claudia Santiago e Vito Giannotti. Ed. Vozes

Um jovem trabalhador falava português. Eis que de repente é convidado a entrar numa chapa para a nova diretoria do sindicato. Disputa a eleição, ganha. É diretor. Seis meses depois já aprendeu outra língua. O sindicalês.

> Com muito esforço, prestando atenção ao que os mais velhos diziam nas reuniões, aprendeu. Até anotava todas as frases e palavras que não entendia, logo encheu um caderno. Mas foi esforçado e agora ele pega o microfone do carro de som. Na porta da fábrica, agora é mais ele. Arrepia! É um discursaço que ele faz! Nas reuniões também não perde o pé nunca. Olha as frases que agora ele aprendeu a usar:

- Não temos dúvidas que o ascenso da classe continua.
- Temos que combater a conciliação.
- Eu queria fazer uma colocação para vocês.
- Eu queria dar uma contribuição.
- Temos que ir para o enfrentamento.
- Não podemos ter só consígnias economicistas.
- O processo histórico está ficando cada vez mais polarizado.
- Precisamos mudar nosso material teórico.
- A correlação de forças não nos é favorável.
- Blá, blá, blá, blá, blá, blá, blá, blá, blá, blá, blá, blá.

Eis nosso novo diretor pronto para falar aos trabalhadores. Coitados!

Essas frases não são fantasias. Com pequenas variantes, estão presentes na boca de milhares de dirigentes sindicais. E estão escritas em centenas de boletins, panfletos, filipetas, mosquitinhos, adesivos, cartazes, *outdoors* – e o que é mais nocivo – jornais sindicais.

Nocivo não é o conteúdo. Tá tudo certo. Tudo necessário

Nocivo é escrever esses conceitos em chinês e exigir que o brasileiro entenda essa língua. (...)

Quer falar de ascenso da classe? Fale! Mas de um jeito que ascenso não se confunda com incenso. Este último os 83% conhecem. Mas ascenso, não.

Quer combater a conciliação, a social-democracia ou o pacto social? OK, combata! Mas não fale mal, assim a seco, da palavra conciliação. Traduza por "namoro entre patrões e trabalhadores", ou por "a ilusão de ter interesses comuns entre os dois", ou diga de forma direta: "os patrões só querem nosso suor. Não é possível ter interesses comuns" ... Diga qualquer coisa! Menos a frase "temos que combater a conciliação". (...)

E a palavra discutir? Ela não sai da boca do dirigente ou do jornalista sindical. Por que não "trocar idéias" de vez em quando? Por que não "conversar a respeito"? Discutir é feio: é briga de marido e mulher Ou briga com o proprietário da casa que quer subir o aluguel.

"Colocação emblemática"? que tal continuar falando disso tudo nas reuniões da diretoria, dentro do departamento de comunicação e no bar, mas esquecer essas expressões nos discursos e jornais para trabalhador? Qualquer palavra pode ser traduzida. Isso pode exigir maior ou menor esforço. Mas é sempre possível achar um sinônimo ou fazer uma outra frase que consiga ser clara, objetiva e precisa sem necessitar usar aquele termo ininteligível. Se é possível traduzir um conceito do português para o chinês ou árabe, por que não seria possível traduzir a gíria viciada "questão de gênero" por algo menos complicado?

Sem traduzir o sindicalês para a língua comum dos mortais comuns, ao invés de comunicar com os trabalhadores, estará sendo passado adiante um tremendo blá, blá, blá.

SOBRE HOMER

JORNAL NACIONAL Personagem dos Simpsons cria polêmica entre editor-chefe e professor da USP

O relato de Laurindo Lalo Leal Filho, professor da ECA-USP, publicado na última edição de CartaCapital, *seção Brasiliana, provocou alvoroço. No texto, ele descreve uma reunião comandada pelo editor-chefe do* Jornal Nacional, *William Bonner. E revela que Bonner compara o espectador-padrão do* JN *a Homer, o simpático mas obtuso pai de família da série* Simpsons.

A revelação foi notícia durante a semana nos principais jornais e sites noticiosos do País. Na seção de cartas da revista (às págs. 80 e 81), publicamos uma amostra das manifestações dos leitores a respeito da Brasiliana. Abaixo, um texto que Bonner enviou a CartaCapital, *falando de Homer e com considerações a respeito do texto de Leal Filho:*

O último 23 de novembro me será inesquecível por dois motivos colossais. O primeiro é de conhecimento dos que ouviram meu celular tocar durante a reunião do *Jornal Nacional* naquela manhã. O segundo é o texto do professor Laurindo Leal Filho sobre aquele encontro.

Era um dos professores convidados para a reunião "de caixa", às 10h30, hora em que produtores e editores da Rede prevêem rapidamente um cardápio com a agenda do dia e as pautas pré-aprovadas.

Às 3 da tarde, editores e produtores iniciam a reunião de pauta. Temas são propostos por toda a Rede para edições futuras – e podem ser aprovados com muita ou pouca discussão, num processo que pode envolver todos os níveis da Central Globo de Jornalismo. Aprovada, a pauta será produzida, editada, transmitida para o Rio e avaliada por toda a equipe do *JN*. Trabalho para dezenas de cabeças.

No dia 23, os professores assistiram à primeira reunião, a "de caixa". Mas o professor Laurindo a trata como se fosse a "de pauta". No erro, ele conjetura sobre a superficialidade das discussões e fantasia uma situação desabonadora para todos, na qual não se contraria o chefe. Como se um *Jornal Nacional* se subordinasse aos caprichos de um único sujeito.

O *JN* se abre à academia editorialmente, divulgando a pesquisa científica brasileira. E fisicamente – em visitas semanais de estudantes e professores de jornalismo. A eles, menciono, em palestras, o desafio delicadíssimo de levar informação a tantos milhões de pessoas, de distintos níveis de escolaridade e situações socioeconômicas. O compromisso é mostrar os fatos mais importantes do dia no Brasil e no mundo de forma compreensível. Precisamos ser claros para quem tem a formação acadêmica mais refinada e para quem não pôde ter educação nenhuma – sem que o didatismo irrite o primeiro, nem que a sofisticação excessiva afaste o segundo. Em algumas ocasiões, citei Homer Simpson, de Matt Groening, ou Lineu, de *A Grande Família*, criado por Oduvaldo Viana Filho, para ilustrar como temos de estar atentos ao público médio. Os personagens são trabalhadores, chefes protetores da família, perfil conservador, sem curso superior, que assistem à tevê à noite, depois do trabalho. Esta imagem é a que guardo deles. O professor Laurindo tem imagem diferente da minha.

> Bonner acha que não foi claro ao definir o público médio do *JN*. Laurindo não concorda

No texto, o professor insinua erroneamente que desprezaríamos a posição dos grevistas numa reportagem sobre a paralisação de peritos do INSS – por eu não ter pedido que fossem ouvidos. No *JN*, uma recomendação dessas a um editor seria galhofa ou insulto – por sua obviedade. Ouvir o "outro lado" é pressuposto de qualquer reportagem do *JN*. O que me leva a duas questões de raiz ética.

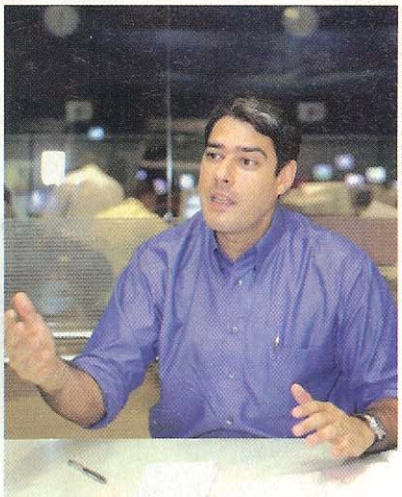
Uma: ao classificar como "crônica" aquele texto, o autor estaria dispensado do dever jornalístico de me ouvir, para me defender, na mesma edição, das críticas?

E outra: por que nosso convidado se calou durante min[illegible]lanações e só expôs sua c[illegible]epois, na *CartaCapital*? [illegible]u de um encontro cujo propósito era discutir abertamente as práticas do *JN*. Silenciar, naquele instante, sem ao menos checar as suas hipóteses, sem ao menos me dar a chance de me expressar melhor, é uma atitude que não entendo, num professor universitário.

Vozes surgiram em minha defesa, nesses dias – e lhes sou grato. Mas persiste, em mim, a frustração dolorosa de não ter conseguido, naquele encontro, aquilo a que me proponho todos os dias, como editor: ser absolutamente claro para todos, indistintamente.

William Bonner

Resposta de Laurindo Lalo Leal Filho: "Não se trata de questão ética. Nem há hipóteses a checar, apenas fatos. Assistimos a uma reunião interna da empresa onde não havia espaço, nem clima, para questionamentos mais aprofundados. Mas mesmo se houvesse, seriam desnecessários para o meu texto. Escrito como relato pessoal, o que vi e ouvi na ocasião do editor-chefe foi mais do que suficiente". ■



CARLOS IVAN/AG. O GLOBO

QUEM VÊ O *JN*. **Além de Homer, Bonner afirma citar também Lineu, de *A Grande Família*, como espectador-padrão**

Anexo

Lições da Globo para FHC

Do livro A História Real
de ***G. Dimstein e J. de Souza***

O time dos tucanos se preparava, com o sentimento de que o PT marcaria o gol aos 44 minutos. E só teriam 60 segundos para empatar o jogo e, assim, ir para prorrogação depois de 3 de outubro.

Nesse "resto" de partida, a imprensa era vista como um obstáculo a mais. O documento-base do PSDB afirma que Lula, ao contrário de 1989, "tem mais o apoio da mídia", devido, supostamente, à reação mais branda contra o candidato do PT entre as elites. O texto alerta:

"Fernando Henrique, que sempre foi muito bem tratado pela imprensa, deve se preparar para momentos mais duros. Hoje, a disputa pela fofoca ou pelo detalhe apimentado pode significar, para os repórteres, a possibilidade de "furo" ou da manchete para seu veículo. Além disso, boa parte dos jornalistas está frustrada com o posicionamento, com a aliança e com o discurso de Fernando Henrique.

"bem ou mal, a imprensa tem relegado a um segundo plano as discussões sobre os problemas do país ou sobre as propostas dos candidatos.

Ou porque os jornalistas são despreparados ou porque é fofoca que vende jornal.

"A campanha precisa entender tudo isso e, em vez de reclamar, prevenir. Tomar cuidados, tratar a imprensa de forma mais profissional e menos displicente".

Num texto com recomendações de *marketing*, elaborou-se até um roteiro sobre como falar:

"Uma boa base para saber como falar para a maioria é o jornalismo da Rede Globo. Durante muitos anos, a Globo pesquisou uma forma nacional de falar e um repertório que fosse entendido pela empregada doméstica e pelo empresário. A linguagem não deve ser simplória que irrite o empresário nem difícil que a empregada não entenda.

1

"Falar sempre em ordem direta, sem citações ou orações intercaladas. Evitar palavras estrangeiras e tecnológicas. Usar frase curtas, que exprimam pensamentos completos e não possam ser cortados ou manipulados.

2

"Usar as palavras para expor as idéias e não para escondê-las. Não ser evasivo. Nas entrevistas, não deixar pergunta sem resposta. Se não souber o que dizer, dizer a verdade. O cidadão sabe reconhecer a sinceridade e a enrolação do político. Sempre que possível, o candidato deve procurar dizer o que interessa, qualquer que seja a pergunta.

"Falar com emoção. Com convicção. Acreditar no que diz. Olhar nos olhos do interlocutor. Não deixar que o espectador tenha a impressão de um professor falando para alunos, de um superior falando para os comuns.

"ter muito cuidado com as brincadeiras que terminam sendo mal interpretada pela imprensa. Melhor perder a piada do que a eleição."

Incompreensível para a massa

Anexo 2

Incompreensível para a massa

De Ricardo Amaral

O inquérito dos títulos públicos nasceu sob o risco de ser uma abordagem pro- [illegible] um assunto incompreen- [illegible] Na União So- [illegible] (...) [illegible] outro: é a empáfia dos [illegible] dos juristas, dos economistas e [illegible]

Essa gente se expressa em idiomas próprios, que têm em comum o fato de serem verdadeiras muralhas contra a intromissão do zé povinho no assunto. O juridiquês, o economês e o mercadês são linguagens excludentes por princípio. Quem não sabe diferenciar hot-money de datavênia torna-se ignorante e está condenado a ser tangido feito gado no debate dos problemas nacionais. A CPI, por exemplo, teve de começar driblando a palavra precatório, origem primeira da teia de maracutaias que está sendo revelada ao público.

Na cadeia [illegible] os comunistas, em 1936, Graciliano Ramos gostava de provocá-los dizendo que o movimento revolucionário não pegaria no [illegible] por causa do [illegible] proletário [illegible]

■ *Ricardo [illegible]ral é jornalis[illegible]*

Juristas e agentes do mercado usam idiomas próprios, muralhas contra a intromissão do zé povinho

da parcelar o dé [illegible] anos? Só porque [illegible] tório não deixa d [illegible] esse é outro assu [illegible]

Superada a ba [illegible] quês, entrou em [illegible]

fabeto faz [illegible] mercado, alguém [illegible] ganhar, desde os [illegible] Smith. Seus agei [illegible] da opinião púb [illegible] "day-trade", do "l [illegible] ring" e outras ex [illegible]

Nas ú[illegible]as se [illegible] tos muquifos. É as [illegible] sideraçõe [illegible]

O ESTADO DE S. PAULO - 2 DE MARÇO DE 1997

Anexo

Comunicar é uma arte

Do caderno: ***Comunicação é uma arte***
Dicas rápidas para uma comunicação eficiente
De Moacir Lopes e Hugo Ramirez Filho

Princípios da oratória moderna

Não abandonar o tópico: manter-se no assunto que está discorrendo.

Controle de Público: saber de forma adequada como organizar e orientar o público.

➢ **Organização e estruturação do discurso:** não basta conhecer o assunto, é fundamental organizar as idéias e tópicos que você irá abordar.

➢ **Recursos:** tudo é válido para facilitar a compreensão do público,desde os recursos audiovisuais, dinâmicas de grupo, até exemplos comparações, contrastes, estatísticas, detalhes, depoimentos pessoais, ampliações de idéias e motivação do público.

➢ **Linguagem utilizada:** cada público é um público, com suas especificidades e individualidades. Cabe ao orador adaptar sua linguagem a realidade do público.

➢ **Auditório/público/platéia/etc...:** é o papel complementar da oradora. Um não existe sem o outro. É o motivo de você estar se preparando, estudando e desejando dar o melhor de si. Portanto não é seu inimigo.

➢ **Improvisação:** mesmo estando bem preparado, em alguns momentos é fundamental e necessária a improvisação. O ato de falar e público é algo imprevisível, portanto em algumas situações você terá que exercitar e desenvolver a habilidade da flexibilidade.

➢ **Sinceridade e ética:** tudo que falar hoje poderá ser usado contra ou a seu favor amanhã.

Portanto, palavras não são apenas palavras e você precisa ter responsabilidade, sinceridade e princípios éticos para com você e o público.

➢ **Conhecer as técnicas de estruturação e planejamento do discurso:** capítulo especial dedicado a este tema.

➢ **Conhecer e exercitar a voz, gestos e posturas:** capítulos especiais para estes temas.

Saibam todos que esta arte
exige de 10% de inspiração e 90% de transpitação.
Portanto, vamos à luta!

Dicas para uma comunicação eficiente

• **Credibilidade:** transmitir informação que seja aceita pelos ouvintes. A aceitação é um processo que envolve compreensão e confiança, atingindo o convencimento. Para alcançar a credibilidade é importante destacar:

• **Naturalidade:** é a espontaneidade, o ritmo da fala praticada dia a dia junto aos amigos e familiares. Ser natural não significa levar ao auditório erros e negligências que podem ser percebidos pela platéia e gerar desconfiança. É preciso entender a diferença de quem está na frente da platéia, disposto a comunicação cotidiana - concordância, plural, conjugação verbal, etc. e o público. Os defeitos de estilo e as incorreções de linguagem precisam ser combatidos com estudo, experiência, disciplina e trabalho persistente.

• **Emoção:** é o envolvimento revelado pelo entusiasmo com que se dedica a um objetivo, que defende uma idéia. É interpretar a própria verdade, transmitindo-a com a força da importância que representa. Cuidado com o choro, ele é uma demonstração de emotividade, sendo considerado em palestras como nervosismo e descontrole.

• **Conhecimento:** somente se é natural e emocionante, se demonstramos dominar o assunto tratado. É preciso ter sempre mais informações do que será necessário repassar. Leitura, estudo, pesquisa, observação ativa e pessoal colaboram nesta proposta.

• **Conduta Exemplar:** palavras encontram respaldo dependendo da postura do orador e, na maioria dos casos, de nossos próprios atos frente ao tema exposto. É preciso ter consciência de que comunicamos com o corpo, os olhos, os gestos, o suor, o tom de voz, a roupa, o estilo do cabelo, uma série de predicados e defeitos que contradizem às vezes com o que falamos.

• **Voz:** é o resultado da articulação de partes dos aparelhos digestivo e respiratório, movimenta todo o organismo, que funciona e se expressa por meio da voz. Por isso, por meio da fala é nítido o nervosismo e a hesitação.

• **Respiração:** constituída de inspiração e expiração, deve ter seu fluxo completamente normal para fazer vibrar as cordas vocais e produzir voz.

• **Pronúncia:** Boa pronúncia é ser melhor compreendido e aumentar a credibilidade. Entre os sons mais negligenciados estão os "erres" finais e os "is" intermediários (pegá-pegar, jardinero-jardineiro), além do deslocamento de algumas palavras (pra-para, pcisa-precisa, tamém-também) e do deslocamento de letras (cardeneta-caderneta, estrupo-estupro). A providência é uma auto-análise para identificar suas imperfeições, incluindo as gírias em geral sobretudo as restritas a segmentos específicos (idade, profissão), mas jamais perder a naturalidade em situações intermediárias desta aprendizagem. Pronunciando todos os sons corretamente, a mensagem será melhor compreendida pelos ouvintes e haverá maior valorização da imagem de quem fala. Treine sua dicção com o dedo indicador, imite um gancho, encaixe por uns dois minutos diários nos dentes inferiores e fique falando.

• **Volume:** o ideal é sempre o volume adequado ao ambiente, à existência de microfones e à qualidade de sonorização, às condições acústicas. Analisar estes detalhes é determinante para estabelecer o melhor tom. Voz baixa gera desatenção; voz alta, irritabilidade.

• **Velocidade:** Não fale rápido demais. Se sua dicção for deficiente será ainda mais grave, já que dificilmente alguém conseguirá entendê-lo. Também não fale muito lentamente, com pausas prolongadas, para não entediar os ouvintes. Use um aparelho gravador para conhecer melhor a velocidade de sua fala e decidir-se pelo melhor estilo. Ajuste a velocidade e ritmo da sua fala. Para saber se não está atropelando as palavras ou sendo lento e se a tonalidade que usa é agradável, um truque é gravar a sua voz numa fita e ouvir depois, ou mostrar aos colegas. Fale com bom ritmo. A respiração, a pronúncia e a emotividade de cada pessoa determinam a rapidez ou lentidão da voz.

■ Se você fala rapidamente e deseja permanecer assim, procure pronunciar cada vez melhor cada palavra, crie o hábito de repetir as informações importantes pelo menos duas vezes, com termos diferentes, para que o público entenda bem.

■ Se você fala lentamente, e sente-se bem neste estilo, procure olhar para o auditório durante as pausas. Ao reiniciar, pronuncie com ênfase e energia as três primeiras palavras para recapturar eventuais atenções perdidas e dar idéia de que durante sua sentença anterior, falada lentamente, você estava refletindo, o que valoriza muito o silêncio. A alternância de volume e velocidade da voz tendem a causar boa impressão na platéia, desde que se mantenham requisitos de boa pronúncia. Mas as pausas, não devem ocorrer a cada palavra ou grupo de três palavras, porque podem inspirar desconcentração ou falta de conhecimento sobre o que se fala.

• **Sotaque:** é natural. Não se deve procurar escondê-lo, desde que as pessoas entendam perfeitamente suas frases e o uso do sotaque não venha a interferir na credibilidade do orador, o que depende do tipo de platéia ouvinte.

• **Uso do microfone:** seja com pedestal, seguro na mão ou de lapela, a posição ideal para falar são dez centímetros da boca, abaixo, na direção do queixo. Não se deve olhar para o microfone, exceto nos primeiros segundos da fala para posicionamento, ou na eventualidade de ter que virar o corpo para enxergar uma parte lateral da sua platéia. Os de pedestais são flexíveis, se seguro com a mão, deve ser posicionado com distância já referida, e deixado descansado junto com o braço em momentos breves de intervalo, sempre cuidando o tremer do corpo e os gestos que não podem afastar o microfone da boca para não perder qualidade de som. Com os de lapela basta o cuidado de não baixar o rosto por algum motivo, porque a maior proximidade com o aparelho aumenta consideravelmente o volume da voz. Com ele, comentários paralelos com outros oradores são impraticáveis.

• **Vocabulário:** é a quantidade e qualidade de palavras conhecidas pelo orador, que vai facilitar a desenvoltura, clareza e sucesso de um pronunciamento, da expressão de idéias, da articulação do raciocínio em frases. Um bom vocabulário tem que estar isento do excesso de termos pobres e vulgares, como palavrões e gírias. Também não se recomenda um vocabulário repleto de palavras difíceis e quase sempre incompreensíveis. Evite também o vocabulário específico da sua profissão diante de pessoas não familiarizadas com esse tipo de palavreado.

Você estará desenvolvendo um vocabulário simples, objetivo e suficiente para identificar toas as suas idéias e pensamentos.

A amplitude deste repertório é conquistada com muita leitura, testes de substituição de palavras de um texto por sinônimos.

Outros pontos a serem evitados, são os tiques e maneirismos entre palavras ou frases, como "né?", "hããã". "huummm", "tá?", "entendeu?". São ruídos mais típicos de quem não sabe que palavras usar ou de quem termina uma frase com tom de voz não conclusivo e acaba se perdendo no discurso.

• **Expressão corporal:** é o movimento do corpo, o jogo fisionômico, o olhar, os gestos que fazem a comunicação não-verbal e acompanham a fala. Segundo psicólogos, a transmissão de uma mensagem é 7% palavra, 38% voz e 55% expressão corporal.

• **Atitudes desaconselháveis neste campo são:** falar com mãos nos bolsos; colocar as mãos entrelaçadas nas costas; apoiar os braços sobre a mesa; cruzar os braços; fazer gestos abaixo da cintura e acima da linha da cabeça; executar gestos involuntários, como coçar a cabeça, mexer no cabelo, mexer em aliança e pulseiras, brincar com canetas ou papéis sobre a mesa ou com o fio do microfone em pé.

Ao falar sentado, evite cruzar as pernas em forma de "x", esticar as pernas e jogar o corpo para trás, ou pender o corpo para um dos lados apoiado no braço da cadeira. Não se pode ainda negligenciar a força da aparência, compondo roupas, sapatos, acessórios (tecido, cor, combinação harmônica, estilo, quantidade e qualidade, adequação e estrutura corpórea).

• **Tenha postura correta:** deixe os braços naturalmente ao longo do corpo ou acima da linha da cintura e gesticule com moderação. O excesso de gesticulação é mais prejudicial que falta.

Distribua o peso do corpo sobre as duas pernas, evitando o apoio ora sobre uma perna, ora sobre a outra. Essa atitude torna a postura deselegante. Também não fique se movimentando desordenadamente de um lado para outro e quando estiver parado não abra demasiadamente as pernas. Só se movimente se pretender se aproximar dos ouvintes, ou dar ênfase a determinada informação.

Não relaxe a postura do tronco com os ombros caídos. Poderá passar uma imagem negligente, ou de excesso de humildade. Cuidado também para não agir de forma contrária não levantando demasiadamente a cabeça nem mantendo rígida a posição do tórax. Poderá passar uma imagem arrogante e prepotente. Deixe o semblante sempre descontraído e sendo possível, sorridente. Não fale em alegria com a fisionomia fechada nem em tristeza com a face alegre. Sempre é preciso existir coerência entre o que falamos e o que demonstramos na fisionomia.

Ao falar olhe para todas as pessoas para ter certeza de que estão ouvindo e prestando atenção nas suas palavras. Principalmente ao ler, este cuidado tem de ser redobrado, pois existe sempre a tendência de olhar o tempo todo para o texto, esquecendo a presença dos ouvintes.